



I - Princípios Gerais

1. Dignidade e missão da mulher

a) A mulher colaboradora indispensável do homem - A essência dos seres, a missão que são chamados a cumprir, só podem ser compreendidas quando se tenta penetrar no pensamento de Deus que os concebeu e ordenou para um fim determinado. Por isso, para nós, seres humanos, limitados em espaço e tempo, a teologia da mulher começa no momento da sua criação.

Quando lemos o Génesis deparamos com estas palavras de Deus após a criação do homem: "Não é bom que o homem esteja só". Parece-nos - e assim o interpretamos habitualmente - que esta frase é uma resposta de Deus a uma necessidade psicológica do homem carecido de uma companhia que lhe seja semelhante e que seja para ele ajuda. Creio, porém, que tal frase contém um sentido muito mais profundo. Com efeito, o pensamento de Deus acerca da obra criada não poderia ter sido de modo algum determinado por uma transigência sentimental que a solidão do homem causasse. Por isso Deus, ao comentar a obra da criação reportando-se ao homem não responde unicamente a uma insatisfação do próprio homem. Antes, explicita o diálogo do Pai e do Verbo, resultante de uma exigência intrínseca do Espírito em relação à obra da criação. Esta, concebida e realizada na harmonia da ordem universal, tinha de corresponder exactamente a essa harmonia pelo acabamento, pela perfeição. (Na harmonia dos primeiros dias do Universo criado uma única imperfeição: ser criatura. Imperfeição que gera a maior grandeza e a maior queda do homem). Na frase do Génesis Deus parece reconhecer que a obra da criação ainda estava incompleta; e essa falha não se verificava apenas em relação ao conjunto dos seres criados - Deus localiza-a aludindo ao homem.

A mulher surge-nos assim, no pensamento de Deus, aureolada pelo imenso prestígio desta missão: dar perfeição, dar acabamento, enquadrar na ordem divina todos os valores humanos. Mais do que complemento para o homem, a mulher traz consigo a plenitude do ser humano. Por isso ela é, con inteira verdade, (não só poética mas teológica) a metade do ser humano. Aliás é essa ideia que se encontra ainda na exclamação jubilosa de Adão quando Deus leva a mulher à sua presença: Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne da minha carne".

Para além da profundidade do extraordinário mistério de união conjugal parece estar aí revelada a satisfação essencial do ser que atingiu a



plenitude.

Há um princípio básico, um facto fundamental que não podemos esquecer quando estudamos a posição da mulher no mundo sob pena de a não podermos abarcar na totalidade ontológica. Deus cria o homem à Sua imagem e semelhança. E criando a mulher a partir do próprio homem, Deus mostra-nos à evidência que ambos possuem a mesma essência, que a ambos outorgou a mesma liberdade, conferiu os mesmos direitos, a ambos deu gratuitamente todo o Seu Amor. A um e a outro Deus não desdenha revelar-Se e a um e outro Deus reserva a glória da Eternidade.

Idênticos embora em essência e no fim para que tendem, as circunstâncias especiais da sua criação, tradução de ideias diferentes de Deus, e as características psico-fisiológicas de cada um, diversificam notavelmente o modo de atingirem o mesmo fim - a plenitude de Deus.

Com efeito, criando o homem em primeiro lugar, fazendo depender dele a mulher (por isso que a mulher foi criada a partir do homem embora sem a intervenção directa dele) Deus confere ao homem incontestável missão de chefia na vida social. A própria diferenciação no processo fisiológico da procriação traduz essa diferença de missões. Ao homem cabe papel semelhante ao de Deus, ele é o cooperador directo e imediato de Deus no acto da geração. À mulher cabe o papel do "Fiat" submisso. Ela é, como pretende Claudel, a resposta obediente de todas as coisas ao apelo de Deus; ela é o símbolo mais acabado, mais perfeito, da criatura em face do Criador.

Se, de certo modo, o homem reproduz Deus, a mulher representa em face d'Ele toda a criação. Daí a diferença essencial entre a missão dum e doutro. Enquanto o homem se multiplica em cada instante na acção criadora, a mulher projecta-se no infinito, transcendendo o tempo.

No concerto universal das realizações e das ideias, a mulher é a colaboradora indispensável do homem, embora actue num plano completamente distinto. Tal como na vida social onde as tarefas se encontram distribuídas mas complementares umas das outras pelas suas características próprias, também no plano de Deus surge nítida a distinção entre as missões específicas do homem e da mulher. Na economia dos valores espirituais cabe à mulher um lugar diferente do do homem. Tal diferença acusa-se não no fim para que ambos tendem mas no modo como procuram atingi-lo.

Parece haver no processo ontológico de descoberta da Verdade diferentes facetas que nos levam a admitir nesse processo a existência dum princípio masculino e dum princípio feminino. Já S. Tomás distinguia no pensamen-



to duas potências intelectuais: ratio, que era qualquer coisa de masculino, a traduzir-se no pensamento lógico e discursivo; intellectus, que era qualquer coisa de feminino, feita de conhecimento mais intuitivo que discursivo. É claro que não se delimitam rigidamente as fronteiras entre estas duas potências; pelo contrário, a experiência revela-nos uma interpenetração, de análise difícil, em quase todas as manifestações do pensamento humano.

A vida intelectual exige necessariamente o diálogo permanente entre o pensamento racional e o conhecimento intuitivo. O princípio masculino do espírito é assim responsável pela iniciativa na acção, pela imaginação criadora, pela crítica rigorosa dos dados. O princípio feminino revela-se no momento em que a alma adere à Verdade, na submissão do espírito, na humildade intelectual; então a alma deixa-se possuir pela Verdade, renunciando a si mesma, abrindo-se totalmente, deixando-se clarificar pelo sopro do Espírito. Mas não fica nesse ponto a atitude ou o princípio feminino da alma em face da Verdade. A transmissão dos princípios eternos, a salvaguarda dos valores essenciais estão dum modo especial confiados à mulher. A renúncia de que é capaz perante os dons que tem de transmitir, a compreensão simultaneamente intuitiva e afectiva, resultante da sua integração profunda na Criação, conferem-lhe um papel insubstituível de depositária e reveladora dos valores primeiros. Edith Stein, uma das mulheres mais notáveis do nosso tempo, indica claramente os dois valores eternos que à mulher cumpre transmitir - - religião e dignidade da pessoa humana. Pela sua atitude de disponibilidade confiante em face de Deus, de docilidade ao Espírito, pela fácil inserção da sua personalidade na missão maternal da Igreja, é ela quem maior pureza pode garantir à ideia religiosa no mundo, Pela sua missão de mãe, a trazer-se naquela momento grandioso em que "o tempo toca a Eternidade" pela capacidade de sacrifício total e de amor sem limites, a mulher atinge a essência da pessoa humana, garante-lhe continuidade, vida, dignidade. E apara além da mulher-mãe, a virgem consagrada parecendo quebrar, em assomo individualista, a cadeia que liga as gerações, mais não faz do que, pela sua presença silenciosa e pura, afirmar ao mundo o valor supremo do homem ou, como diz Gertrude Von Le Fort, "a virgem afirma, incarnando-o, o valor supremo da pessoa humana, nas suas relações directas e sem intermediários com Deus".

Estas as linhas essenciais do princípio feminino da alma humana.

Mas toda a obra verdadeiramente grande nasce e transmite-se informada dos dois princípios, masculino e feminino. Não importa para tal que



seja um homem ou uma mulher a realizá-la. Natural é, porém, que cada um ao dar-se inteiramente a uma obra a informe mais vincadamente daquele princípio que se identifica com a sua própria missão e com a essência da sua personalidade. Assim se compreende que através dos tempos a mulher se tenha escondido num lugar de segundo plano, revelando a Verdade e transmitindo-a, na intimidade das almas e que o homem se tenha afirmado na vanguarda da acção, pela descoberta profiada de novas terras, novas coisas, novas ideias.

E assim se compreende também que existindo, na maioria dos casos, o predomínio nítido de um destes princípios, o homem se enriqueça notavelmente pela colaboração com a mulher; então a obra realizada pelos dois tem maiores garantias de perfeição e de verdade. Em tais casos, a necessidade psicológica de colaboração resulta no fortalecimento da obra pessoal de cada um pela aquisição das características complementares do outro.

Mas, uma vez que essa necessidade psicológica não corresponde a uma exigência metafísica que nem a teoria nem a experiência demonstram, temos forçosamente de admitir que, por vezes, se possa prescindir de tal colaboração. E não raro os homens mais completos, os mais inteligentes e os mais santos, são aqueles que conseguem harmonizar genialmente em si os dois princípios. É o caso da maioria dos grandes místicos. Evidentemente o homem tem necessidade de conhecer "a segunda dimensão do ser humano" porque tem de conhecer, assimilando a si, todas as criaturas de Deus, para, através delas, subir até Ele. E o mesmo se diz para a mulher. Se a qualquer deles se impõe como condição de valorização o conhecimento e penetração das realidades do mundo que os cerca com maioria de razão se lhes exige a compreensão e a assimilação do outro polo da existência humana. Mas para o místico ou mais geralmente para a vocação religiosa, essa condição não é imposta com a mesma intensidade. O místico supre abundantemente no contacto com Deus todo o enriquecimento e plenitude de ser que qualquer criatura ainda a mais perfeita lhe possa dar.

b) A função específica da Mulher; a maternidade - Mas se na mulher existe o predomínio do princípio feminino da alma humana ela terá, com certeza, por isso mesmo, uma missão específica a realizar. No entanto, dada a coexistência dos dois princípios, masculino e feminino, em toda a alma humana, quando falamos num ponto de vista, missão ou tarefa especificamente femininos não queremos dizer que sejam exclusivamente femininos.



Ao estudar a mulher e todos os problemas que com ela se relacionam é costume falar das características fundamentais da mulher, daquilo a que se poderia chamar a natureza feminina. Creio que a maior parte das vezes se faz este estudo com excessiva ligeireza de ânimo pois se confundem os traços característicos da mulher com tudo o que hábitos arreigados e tradições antiquíssimas aparentemente fizeram dela. Em particular no que se refere à vida intelectual da mulher, parece-me muito difícil distinguir quais são verdadeiramente as suas aptidões quando sobre ela pesam muitos séculos de atavismo, de amolecimento mental, de ausência de integração nos grandes problemas da humanidade.

Mas apesar da influência das épocas e da marca iniludível que os tempos e os costumes imprimem na aparência dos seres, é incontestável que todo psicológico e fisiológico da mulher está ordenado para uma missão específica. Existe em toda a personalidade feminina uma correspondência profunda ao pensamento de Deus que a gerou. Nas primeiras palavras de Deus após o pecado original " ... Tu sofrerás a dor do parto" ... e no Novo Testamento a luminosa frase de S. Paulo "A mulher será salva pela sua descendência", encontramos os pontos de apoio de toda a teoria acerca da missão da mulher.

A maternidade é a missão essencial da mulher: tudo nela está ordenado para isso. Ela é semelhante à terra imensa e fértil que constantemente em si traz a nova vida e se abre em novos frutos. Também na mulher se realiza o extraordinário mistério da criação da vida.

A sua atitude íntima de disponibilidade e oferenda é a base da sua missão: receber para fecundar e dar. A maternidade é assim, no sentido mais lato, uma imensa obra de amor e de misericórdia. E o dom de renúncia de si é o sinal mais real desse amor e dessa misericórdia. Como nota Gertrude von Le Fort, foi isso que Salomão entendeu, na sua notável sabedoria, ao descobrir a verdadeira Mãe naquela que se sentia capaz de renunciar ao filho por amor dele.

A maternidade espiritual surge como uma força natural tão real quanto a maternidade física. Traduz-se na capacidade de amar, de se apagar, de se dar, de curar todas as feridas, de se multiplicar na solicitude que a todos atende e a todos ajuda. Neste sentido, a maternidade espiritual não é contra a natureza nem uma solução de emergência a adoptar quando falta a maternidade física. Ela é, pelo contrário, e antes da própria maternidade física, o pleno e harmónico dasebrochar do espírito feminino segundo a natureza.

E a esta missão maternal se vincula imediatamente a posição da mulher perante a Verdade.



Enquanto companheira do homem, ela é a colaboradora na consecução de todas as realizações culturais, pela metade da vida humana que traz consigo.

Mas, na sua missão essencial de mãe ela concebe em si todas as aquisições da cultura. A posição da mulher perante a Verdade, como reveladora e transmissora dos valores eternos, radica na missão maternal que lhe está confiada. Por isso as exigências que a Verdade lhe põe são a condição "sine qua non" de realização da maternidade universal.

Este duplo aspecto da natureza feminina - a maternidade das almas e a maternidade das ideais - reveste-se de duas características: o silêncio e o mistério. Pode dizer-se que talvez mais do que o homem a mulher enriquece-se na mesma medida em que se interioriza. Perder-se no barulho da agitação vã, tomar sobre si certas tarefas, quebra necessariamente o silêncio. Deixar cair o véu que o esconde, revelar-se totalmente a outros que não Deus, desfaz tristemente o mistério. (Tenho para mim que a verdadeira causa da mediocridade de muitos matrimônios está precisamente na paradoxal falta de feminilidade da mulher: quebra o silêncio, desfaz o mistério.)

Fundação Cuidar o Futuro

c) A dignidade própria da mulher

Para além da dignidade específica que lhe confere a sua missão na vida, existem na mulher a dignidade da própria pessoa humana.

Usando a expressão de Sertillanges, "a mulher é pessoa por si própria, ela não é feita para o homem, tem um destino próprio (e pela mesma razão ela não é feita para a família neste sentido de que ela não teria outra razão de ser senão procriar e educar crianças)."

Não há razão alguma para se dizer que a mulher é feita unicamente em função da vida de família; seria o mesmo que dizer que a mulher não tem o direito de ser, que é apenas em função do homem. Isso é contrário não só ao direito natural como à experiência e, em última análise, à Revelação segundo a qual "não há para Deus nem cristão nem gentio, nem homem nem mulher, mas todos são um em Jesus Cristo".

Por outro lado, o homem é um ser racional, tanto mais completo quanto mais integrado na equação da vida social. Toda a vida humana assenta num princípio de troca moral. A homogeneidade da equação vital só é garantida à custa da presença do "outro". Ora, citando ainda Sertillanges, "dar à mulher um destino próprio, como faz o Evangelho, não é de modo algum separá-la, isolá-la



completamente das suas relações naturais nem absolvê-la dos seus deveres; é fazer somente que ela aí se encontre a si própria em vez de lhe estar sacrificada como um objecto de serviço".

2. A presença da mulher na cultura superior

a) A mentalidade feminina e a cultura superior

Em virtude da dignidade de ser humano a mulher tem todo o direito a valorizar-sessegundo as suas aptidões e segundo a missão específica que lhe cabe na vida social. Portanto, a sociedade tem o dever de ser a garantia desse direito. Para lá da personalidade feminina em causa está o substractum comum, o valor primordial na escala dos valores - a personalidade humana. Prejudicar a valorização daquela é atentat contra a integridade metafísica desta.

Portanto, se a mulher tem aptidões para apreender a cultura superior é necessário fornecer-lha.

Fundação Cuidar o Futuro

b) O que a cultura pode dar à mulher

É evidente que a cultura superior permite à mulher situar-se em maior verdade perante o mundo, a vida, Deus. Tal como ao homem a cultura superior fornece-lhe uma bagagem intelectual e moral de valor inestimável que lhe permite encarar as realidades essenciais da vida num plano superior.

Anos de estudo, aplicados, mesmo contra vontade, na busca de visões de conjunto, das relações causais dos seres e das ideias, predispõem o espírito para a aquisição da síntese total do saber, para a unificação de todos os ramos percelares do conhecimento na Verdade, sem a qual não há cultura autêntica.

Mas a cultura superior adquire-se na Universidade através do estudo e das condições de comunicabilidade que a vida comunitária fornece. Porque a cultura não é adorno do espírito nem complemento mais ou menos dispensável da formação, da disciplina que se pode estudar ou não, mas factor integrante de todas as aquisições pessoais, condição essencial de conhecimento da conjun-



*Se a mulher da mulher a cultura e
condenada todas as coisas
a mulher persegue o possível de mais*

tura universal, ela adquire-se no estudo e na meditação e nos contactos humanos, vivos. Parece-me até que actualmente é esta a maior fonte de riqueza cultural que a vida universitária põe ao alcance das estudantes; importa que sejam inteligentemente aproveitadas.

A cultura superior traz à mulher, além da visão global das coisas mais justa e adequada à realidade, novos aspectos de formação humana que muito a valorizam como mulher. Podem citar-se, entre outras, o bom exercício da inteligência, a capacidade de julgar por si, a possibilidade de entender, criticar, e seleccionar as ideias, de estudar racionalmente os problemas, de lhes buscar soluções certas, a facilidade de adaptação a circunstâncias novas mesmo àquelas para que não foi especialmente preparada, o controle equilibrado e sã da vida sentimental, a disciplina e exercício da vontade a concretizar-se no constante auto-domínio, no poder sobre caprichos e impetuosidades, o amor ao trabalho metódico e planeado, a paciência e perseverança nas dificuldades, o alargamento de horizontes pela subordinação da acção imediata aos planos de conjunto e a longo prazo; numa palavra - a hierarquização dos três elementos psicológicos, inteligência, vontade, sensibilidade, num plano superior

Fundação Cuidar o Futuro

c) O que a mulher pode dar à cultura

Mas, como já ficou atrás esboçado, também a mulher tem alguma coisa a dar à cultura. A cultura estaria condenada à esterilidade, a recomeçar do princípio em cada geração sem a garantia de continuidade e progresso que lhe proporcionam a apreensão e transmissão dos valores descobertos. Aí se concretiza o papel específico da mulher perante a cultura.

Mas à mulher cabe também, quando para isso fôr dotada, a criação da própria cultura. Nesse aspecto a sua contribuição é só especificamente feminina na medida em que é realizada por uma mulher. O facto de não dar essa contribuição não implica qualquer traição à sua missão essencial. Mas fechar-se em si próprio, emparedar a cultura que adquire nos muros do egoísmo e da satisfação pessoal, viver a cultura pela cultura, ou passar indiferente e inútil por ela sem a aproveitar e sem a utilizar no serviço de Deus e da humanidade - isso, sim, é verdadeira traição à missão que lhe cabe na economia dos valores espirituais.

Creio não ser de desprezar, quer pela sua importância, quer por ser o caso mais frequente, o papel obscuro mas não menos real da mulher agindo in-



teriormente na obra cultural do homem quer como mãe quer como colaboradora imediata e fonte da mais pura inspiração.

d) As profissões universitárias e a mulher

Ora a cultura superior adquirida por via de regra na Universidade, vem até à mulher através da preparação para uma determinada profissão. Logo também à mulher estão abertos os caminhos conduzindo às mais diferentes carreiras profissionais.

É preciso, porém, notar que quando falamos da profissão como um direito da mulher, quando falamos da responsabilidade da sua intervenção directa na vida social não o entendemos num sentido absolutamente idêntico àquele que consideramos quando nos referimos ao homem. Partimos, com certeza, do princípio de que a família é o quadro onde normalmente a mulher pode exercer melhor a missão que lhe cumpre.

A profissão, como, aliás, toda a actividade feminina, é unicamente uma forma de a mulher realizar ainda a maternidade espiritual. E, porque o homem e dum modo especial, a mulher, para exercerem determinada virtude ou aptidão, precisam, regra geral, de ter sob os olhos o objecto concreto em que tal virtude ou aptidão se vai exercer, podemos afirmar que para garantir o pleno florescimento da maternidade espiritual a mulher deve, na grande maioria dos casos, escolher aqueles caminhos onde essa exigência está sempre presente. Só em casos excepcionais a mulher será capaz de, através de obras ou actividades que não tocam directamente no objecto normal de expansão da maternidade espiritual, realizá-la apesar de tudo sem quebra da linha primordial da sua missão. Donde o corolário evidente: qualquer função de gabinete ou laboratório, a realizar em profissões de carácter burocrático ou de pura investigação científica, só parece recomendável para a mulher em casos muito raros de um extraordinário equilíbrio psicológico animado e vivificado pela união profunda e contínua com Deus. Para as outras profissões pode admitir-se que, mesmo que tais exigências não sejam inteiramente satisfeitas, a objectividade concreta das funções não desvia radicalmente a mulher - pelo menos, no equilíbrio exterior - da linha mestra do seu destino existencial.



e) A Universidade e as profissões femininas

Creio que deve ser na base dos princípios expostos que se pode fazer a discussão das profissões universitárias para a mulher. Assim a distinção clássica entre profissões femininas e não femininas deixa de ter um sentido absoluto.

Em todas as profissões a mulher pode valorizar-se e servir. Mas existem, sem dúvida, profissões que parecem estar mais indicadas para a mulher. A primeira é incontestavelmente o professorado. As assistentes sociais, as médicas têm também diante de si um caminho onde a maternidade espiritual se devia exercer a cada passo. E parece-me bem que na medida em que a civilização se aperfeiçoar, na medida em que a Universidade passar a exercer seriamente a missão de orientadora da vida social, a presença da mulher se vai tornando mais necessária, pela descoberta de funções onde ela pode, melhor que o homem, contribuir para o engrandecimento dos povos.

No entanto, nota-se actualmente uma escolha indiscriminada da profissão sem que, pelo menos aparentemente, se atenda às condições de exercício da maternidade espiritual. Isso deve-se - creio eu - fundamentalmente ao facto de a Universidade ignorar a presença feminina nos bancos das Escolas. E assim, obrigada a seguir, mesmo nos cursos que a preparam para as chamadas "profissões femininas", os mesmos programas e os mesmos métodos a que os rapazes estão obrigados, sem que haja na sua preparação qualquer nota específica, a mulher olha indiferentemente todas as profissões, nivelando-as e escolhendo com fraco critério qualquer delas. Creio poder afirmar que tal não aconteceria se dentro de cada curso houvesse um programa suficientemente lato de modo a permitir à mulher especializar-se naqueles ramos da profissão mais conformes com a sua missão específica. Tal medida levaria assim a uma selecção natural encaminhando as raparigas para aquelas profissões que se mostrassem à evidência mais favoráveis ao desabrochar da verdadeira personalidade feminina. Assim uma nova estrutura da Universidade deve permitir o alargamento da noção de "profissão feminina" e não o progressivo afastamento da mulher das funções públicas como pretendem certas críticas ligeiras e radicais.



II - Análise da Situação Actual e Conclusões

1. Modificações introduzidas na vida da mulher pelas actuais condições sociais, políticas e económicas

As modificações introduzidas na vida da mulher pelas actuais condições sociais, políticas e económicas, não permitem que se encare com superficialidade o papel da mulher no mundo moderno.

Vimos assistindo desde o fim do século passado a uma crescente intervenção da mulher na vida social. Embora o cristianismo tivesse desde os primeiros tempos restituído à mulher o lugar que lhe pertencia no organismo social, a lenta evolução das ideias, da cultura, do próprio progresso material, só muitos séculos mais tarde permitiu que um estado "de direito" se transformasse num estado "de facto". No fim do século passado, os estados constitucionais, igualando os cidadãos, conferindo a todos os mesmos direitos, condenar-se-iam a si próprios, se nessa euforia de igualização continuassem teimosamente a colocar a mulher à margem da vida social.

Quebraram-se então os muros que separavam a vida familiar da vida total. Protegida durante séculos por essa barreira intransponível a mulher perdeu a oportunidade de acompanhar ao vivo o progresso social. Apenas lhe sentia os reflexos nos horizontes limitados em que a confinavam. E porque essa força prendendo-a poderosamente à organização material do agregado familiar violentava a alma feminina impedindo-a de se determinar a si própria, no acto mais elementar da liberdade moral, a reacção quando surgiu deu-se dum modo brutal, e incontrolado. A mulher passou a ser desviada do centro familiar por uma força centrífuga tanto mais poderosa quanto mais trazia consigo a perspectiva aliciante de uma vida diferente, de completa independência e liberdade. Passou-se assim de um desequilíbrio a outro desequilíbrio. Apenas se logrou deslocar o centro de forças. Daí esse movimento do princípio do século - o feminismo; errado nos exageros a que a paixão o arrastou tinha uma justificação lógica nos princípios que o ditaram.

O erro social do feminismo residiu neste ponto: a mulher passou a actuar em primeiro plano, independente do meio familiar que lhe era naturalmente mais adequado sem que a sua acção tenha ganhado grandemente em eficácia. A mulher, ao entrar na vida social, esqueceu, na febre da luta que teve de travar, que não podia levá-la a bom termo senão mantendo a essência feminina da sua personalidade. Entrou no mundo do homem sem o cuidado de continuar a ser



mulher. Perfilhou sistemas, adoptou métodos, sem lhes dar a pincelada de feminilidade que produz torná-los eficazes.

As instituições sociais, errando nos mesmos princípios que o homem e limitadas à visão restrita e um pouco despeitada que o mesmo homem lhes impunha, não tentaram sequer abrir lugar para a mulher; limitaram-se a fazer barulho, primeiro, e a ingorá-la, depois.

Mas o mal não ficou por aqui; o século XIX foi por demais pródigo em ideias erradas para não informar delas os indivíduos e a sociedade. A mulher entrou numa cultura de que Deus estava excluído. Conformando-se a ela a mulher não fez mais do que tornar ilusória a sua presença como mulher. Se ela quer garantir à espiritualidade humana a plenitude, se quer estar presente no mundo do homem, tem de aceitar a tremenda responsabilidade de testemunho vivo da "metade do ser".

A presença da mulher para ser eficaz deve trazer a toda a actividade humana a cooperação original e insubstituível da feminilidade autêntica. No momento em que a mulher se emancipa de Deus ela compromete mais do que o modo de ser feminino: ela compromete todo o ser humano.

Foi precisamente esta ideia que o feminismo ignorou e por isso errou completamente. No entanto tal movimento nasceu dum desejo legítimo, duma necessidade íntima de espiritualidade e de serviço que a família burguesa, acanhada e medíocre, não podia satisfazer. Com ele se quebraram tradições multiseculares que apenas tinham a fundamentá-las o hábito. E porque de hábitos se tratava que não de princípios doutrinários imutáveis, vale a pena esquecermo-nos deles e estudar os problemas dos nossos dias.

2. A influência dos problemas da vida universitária actual na personalidade feminina

Ora o problema que hoje nos interessa estudar é o da presença da mulher na Universidade.

Timidamente a princípio, mas nas duas últimas dezenas de anos num ritmo sempre crescente, a mulher tem cruzado as portas da Universidade. (ver mapa I).

Creio ter definido no que ficou exposto os pontos essenciais acerca da missão e dignidade da mulher, enquanto tal e como pessoa humana.

Sabemos, através da preparação que fizemos e do que temos ouvido duran-

te o Congresso, qual a missão da Universidade.

O problema da mulher na Universidade é, como já tive oportunidade de dizer em outra ocasião, função unívoca destas duas variáveis: a missão da mulher, a missão da Universidade. Importa ver em que medida as falhas no cumprimento duma delas acarretam uma minimização e prejuízo para a plena consecução da outra.

Podemos estudar a influência que a Universidade de hoje exerce sobre a personalidade da mulher universitária em dois campos diferentes: um, o dos problemas que estão ligados à própria essência da Universidade - a construção da Ciência, a preparação técnica e deontológica para a profissão, o aprofundamento e irradiação da cultura, a formação de dirigentes da vida social; o outro, o dos problemas complementares da instituição universitária - a organização material do ensino, a vida comunitária, as condições económico-sociais.

Na raiz desta análise põe-se o problema que considero fundamental e cuja solução nos permite compreender muitas incoerências:

- Qual o motivo que determina a ida das raparigas para a Universidade ?

Se analisarmos o que nos dizem os inquéritos verificamos que cerca de 50% das raparigas universitárias diz ter entrado para a Universidade por "gosto natural", acrescido quase sempre de outros factores de carácter secundário. (Ver mapa II). Tal resposta põe necessariamente a pergunta: "gosto natural por quê?" Poderá ser pelo estudo em si - e teríamos uma vocação intelectual - ou pelo exercício de determinada profissão - e teríamos uma vocação profissional. Seria de esperar, portanto - e atendendo a que uma vocação profissional orientada para a Universidade é, ainda, e necessariamente, uma vocação intelectual - que quer num quer noutro caso a rapariga se realizasse dentro da Universidade em nível elevado de seriedade e preparação consciente. Ora, sem querer antecipar demasiado as conclusões, posso já dizer que não é exactamente isso que os inquéritos revelam.

Dois dos casos possíveis - "falta de recursos", "impulsão irreflectida" - parecem ter tido pouca influência na escolha da carreira. No entanto estou convencida que se tais factores não tiveram influência decisiva na opção por esta ou aquela carreira elas pesaram grandemente na escolha da carreira universitária. Vejamos porquê. A rapariga universitária provem quase sempre da classe média (Ver mapa III). Por outro lado, comparando a percentagem das que provêm de famílias pobres com a das universitárias que auferem proventos de quaisquer fontes como emprego, explicações, etc. - cerca de 3,5 e 20% res-





pectivamente (Ver mapa 4) - concluímos que o nível económico da universitária não é muito alto o que justificaria uma escolha determinada pelo factor económico, não explicitamente considerado. A confirmar este ponto de vista, af temos a observação de todos os dias. Com efeito, o ambiente social em que se vive; as poderosas solicitações que a vida dos nossos tempos oferece; o clima familiar, na maior parte dos casos incontestavelmente pragmático e egoísta - tudo isso gera no espírito feminino a sede de independência económica, de bem-estar material, ou, pelo menos, o desejo (pagão) de assegurar o futuro.

Mas para além desta razão de ordem económica parece-me ver outra razão de carácter mais geral mas menos fácil de definir. Podem distinguir-se motivos de ordem intelectual, profissional, na escolha que se fez quando ao fim de uns anos de Universidade se analisa e se tenta recordar (inconscientemente com uma razoável dose de benevolência ...) a atitude de há uns anos atrás. Mas, na realidade, é bem conhecida a atitude que se toma no fim do curso liceal. A rapariga não faz questão de se interrogar sobre as suas aptidões e capacidades, sobre a sua missão de mulher. Educada na família, que mais lhe procura o burguês bem-estar do que a valorização humana, e na Escola que está muito longe de poder ajudar eficazmente, a rapariga encara a Universidade como o capítulo que se segue logicamente ao Liceu. A adolescente vê que toda a gente estuda, que todos os anos a Universidade vomita para a vida pública um amontoado de gente anónima, incaracterística e vulgar. E a Universidade, impedindo-a de voltar em definitivo para a vida familiar que o regime do ensino liceal a inibiu de penetrar, aparece-lhe assim como o caminho mais fácil por onde enverada cegamente. A demonstrá-lo está a altíssima percentagem das finalistas dos liceus que ingressa na Universidade. (Num grupo de 90 raparigas do 5º ano de Liceu, de aptidões intelectuais médias ou fracas, na maioria, a quem foi perguntado que rumo tomariam após o exame, todas, excepto três, responderam que tirariam o 6º e o 7º anos para ingressarem nesta ou naquela Faculdade. O facto é sistemático.

(Para a rapariga do ensino secundário é tão natural e simples seguir para a Universidade, como o é para a maioria o casamento - o problema não se põe, a vocação não se estuda. A vida de cada uma é mais um exemplar de sucessivas edições em série do mesmo modelo-tipo).

É de notar ainda, como prova do que afirmo, a pequeníssima percentagem de raparigas que prestaram provas no Instituto de Orientação profissional (Ver mapa 5). Isto não significa que dê foros de infalibilidade aos juízos do referido Instituto, mas significa, sem dúvida, que as raparigas não chegam



a equacionar o problema vocacional ou, pelo menos, não esgotam todas as possibilidades de o determinarem racionalmente. Note-se ainda aqui a responsabilidade da família e dos professores do ensino secundário que, regra geral, não esclarecem, não estimulam, não orientam, não guiam.

Ora, seguindo assim todas as raparigas sem qualquer selecção para a Universidade, não admira que a maioria esteja longe de corresponder nos gostos, nas aptidões, no método, no esquema de vida de estudo, a um nível intelectual correlato com os fins essenciais da Universidade. Não admira, por isso, que seja reduzidíssimo o número de raparigas que se podem considerar como cem por cento universitárias. Estabeleceu a relatora de "O universitário e os problemas de estudo" diferentes "graus de universitariedade" de acordo com as respostas ao 2º inquérito geral (ver mapa 6A). Dando um certo coeficiente de erro ao critério que é evidentemente discutível, os valores apresentados podem ser para nós valores prováveis que não devem andar muito longe dos verdadeiros valores, como se prova por outras respostas a outros inquéritos. (Parece-me curioso notar que o "grau de universitariedade" dos rapazes não é muito melhor e que a distribuição dos universitários pelos diferentes escalões segue uma lei bastante semelhante para rapazes e para raparigas - ver mapa 6B. Isto significa que a despeito do que é geralmente aceite, os universitários 100%, 90%, 80%, sérios e autênticos, são entre os rapazes quase tão raros como entre as raparigas ...)

Aos motivos já apontados de ingresso na Universidade parece-me poder ainda acrescentar um outro que justifica, até certo ponto, a notável frequência feminina das Faculdades de Letras. A entrada na Universidade seria, nessa hipótese, a tradução de uma certa ansiedade cultural. Mas, assente nas bases frouxas e desarticuladas que lhe são fornecidos pela formação liceal, essa preocupação cultural parece ser artificial e improficuo na valorização pessoal da universitária. Se não, vejamos: uma verdadeira cultura assenta em princípios sólidos, nutre-se de filosofia e teologia. Ora se analisarmos quais os temas de cultura geral preferidos pelas universitárias (Ver mapa 7), encontramos os temas religiosos (que podem ter certa afinidade com a teologia ...) relagados para o 6º lugar e a filosofia para 7ª.

Em contrapartida as preferências mais acentuadas vão, por ordem decrescente, para a literatura, a música, os temas históricos - aqueles sectores da cultura que exigem menos esforço e que revelam um certo diletantismo na aquisição cultural, diletantismo que é flagrante em muitos dos livros indicados e na "profundidade" do gosto musical a que adiante farei referência.



E Esta ansiedade cultural que ora se apresenta quase frustrada poseria ser orientada ,a Universidade se houvesse da formação anterior não digo uma cultura muito extensa (que esse é o erro actual) mas uma cultura profunda, embora adequada, como é evidente, à idade das adolescentes.

E finalmente parece-me que não vale a pena determo-nos a analisar o caso das raparigas que vão para a Universidade à procura de marido. Ainda há bem pouco tempo os juristas brasileiros de S. Paulo ao fazerem a análise das causas de ingresso na Universidade faziam a seguinte referência às raparigas:

"Há as que enfrentam a Universidade e abjuram ao comodismo da vida extra-universitária com o intento de conseguir um marido menos desavisado.

... "Se a moça entrou com a ideia preconcebida de conseguir marido, errou: pela desvirtuação do meio; pela deshonestidade perante professores e colegas; por haver usurpado o lugar a outra jovem que talvez devesse realizar-se nesse campo e que se viu tolhida pela concorrente desleal".

Em conclusão: parece ser muito difícil definir exactamente o motivo de ingresso das raparigas na Universidade. Mas essa mesma imprecisão leva-me a dizer mais uma vez: todos os problemas que vão surgir na vida universitária feminina e independentes da própria estruturação da Universidade (na medida em que é lícito separar a creia da Universidade - instituição da crise pessoal de cada universitário) vêm a ser consequências mais ou menos remotas do problema base da vocação, da sua determinação racional - em ultima análise da formação intelectual e moral recebida durante a adolescência. Por isso o problema da mulher na Universidade é conexo com o problema da educação das adolescentes e a resolução daquele exige a resolução séria e autêntica deste.

É a altura de analisar o comportamento da mulher dentro da Universidade.

Vejamos em primeiro lugar o aspecto da apreensão e construção da ciência: o estudo e a investigação científica.

Em relação ao estudo a universitária oferece uma passividade que nos rapazes se encontra em grau muito mais reduzido. As preocupações escolares, as discussões sobre a matéria do curso, apenas parecem acordá-la em época de

exames. Geralmente a universitária faz os anos do curso no tempo prescrito, não atinge classificações excessivamente baixas, é quase sempre aluna razoável; mas a vida de estudo parece apenas aflorar a zona superficial do seu espírito. Uma vez acabada a Universidade, diluem-se os anseios culturais, o verniz intelectual, nas trivialíssimas preocupações burguesas.

A passividade ou indiferença do verdadeiro "eu" em face do estudo manifesta-se, por exemplo, na maneira como a universitária tira apontamentos nas aulas. Cerca de 77% (ver mapa 8) escreve ou tenta escrever tudo o que diz o professor. Tal atitude está bastante de acordo com a preocupação que manifesta 77% (Ver mapa 9) de assistir a todas as aulas teóricas.

Estes dados e muitos outros que facilmente se podem tirar dos inquéritos e da observação de todos os dias parece demonstrar que a universitária precisa que, dentro da Universidade, lhe estimulem a iniciativa no estudo, a capacidade de crítica, o trabalho pessoal. Se os exames representam uma medida drástica para esporadicamente o conseguir, a investigação seria a maneira normal de a Universidade fazer de cada rapariga matriculada uma verdadeira universitária.

E a investigação não corrigiria só defeitos de mentalidade ou de educação intelectual; desenvolveria também qualidades latentes no espírito feminino que, por ora, estão mal aproveitadas. Com efeito, verifica-se pelos inquéritos que as raparigas possuem um certo método de trabalho intelectual - 59% faz planos de estudo no início dos períodos e 87% fá-los também em época de exames (ver mapa 10) -. Mas o facto de só 13% das raparigas (ver mapa 11) ter lido algum livro sobre método de estudo ou de trabalho intelectual leva-me a crer que o método evidenciado naquela resultado é um tanto empírico e carece, portanto, de uma estruturação científica ou, pelo menos, de alguns momentos de reflexão sobre ele.

A investigação realizada com fins pedagógicos e um apelo constante e inteligente ao esforço pessoal obrigariam, sem dúvida, as universitárias à aquisição de uma metodologia do trabalho intelectual que é condição de rendimento da vida espiritual. Se acrescentarmos ainda o amor desinteressado ao estudo revelado por 31% de raparigas ao lado de 18% de rapazes (ver mapa 12), as qualidades de meticulosidade, perseverança, e sentido de perfeição que a mulher manifestamente possui, podemos dizer com segurança que a universitária seria capaz de investigar dentro da Universidade e, investigando, asseguraria, em grande parte, a formação de uma séria e forte personalidade.

Mas não fica na construção da ciência a missão da Universidade. Ela não pode deixar de formar profissionais e profissionais conscientes, seguros





da técnica que têm na mão e aptos a serem chefes dos outros homens.

Segundo os inquéritos (ver mapa 13) interessa-se por uma preparação profissional consciente cerca de 42% das nossas universitárias. Considero este número bastante optimista dado que a maioria, no dia-a-dia do estudo, não revela essa preocupação de maneira muito vincada. E, se não, vejamos: parece-me ser um índice poderosíssimo de preparação profissional consciente a maior ou menor seriedade posta na realização dos trabalhos escolares. Dizem-nos os inquéritos (ver mapa 14) que 36% das raparigas comete fraudes em trabalhos escolares, quer na cópia de trabalhos congéneres, quer na ocultação propositada de bibliografia, quer por outros métodos, todos formalmente pouco elegantes. Este resultado, apesar de constituir um triste índice da seriedade do meio, parece-me errado, por suavizar ainda o panorama real que é muito peor. A demonstrá-lo temos a reacção do meio em face da fraude: as universitárias observadas encaram passivamente a fraude. Ora isto significa que há, com certeza, uma grande maioria de universitárias a usá-la; só assim se pode justificar que o meio permaneça indiferente. A acreditar na percentagem de 36% é muito estranho que o meio não reaja condenando corajosamente tais hábitos. Existe, portanto, uma percentagem apreciável de raparigas ou cometendo fraudes ou, pelo menos, aceitando-as sem que o seu código moral se ofenda por isso. Além de revelar uma desorientação grave tal atitude significa que a mulher pouco se preocupa afinal com a profissão - interessa-lhe passar nos exames, quando muito com um certo prestígio de boa aluna.

Outro índice que não revela uma preparação profissional consciente é a irregularidade no estudo, muito maior no caso das raparigas do que no dos rapazes. Assim cerca de 32% das raparigas estuda mais de 16 horas por semana enquanto o mesmo número de horas é atingido por 40% dos rapazes (ver mapa 15). Se compararmos agora estes valores com o tempo que dormem uns e outros (ver mapa 16) verificamos este facto curioso: em tempo normal de aulas, isto é, sem exames, dorme menos de 8 horas por dia 18% das raparigas e 26% dos rapazes; em épocas de exames estes valores saltam bruscamente para 65% as raparigas e 53% os rapazes. Este estudo por atacado feito na altura dos exames não só acusa uma preparação profissional pouco consciente como é um factor muito importante para o desequilíbrio psicológico de sérias consequências na vida actual e futura das raparigas. Não quero, de modo algum, ao fazer estas críticas ignorar os casos das Escolas Superiores onde um irracional regime de estudo provoca, mesmo nas autênticas vocações intelectuais, uma irregularidade no estudo indêntica à que aponteí e de consequências igualmente graves.



O interesse, a consciência profissional deveriam ainda traduzir-se na busca de conhecimentos novos, na tentativa de aprofundamento da matéria das aulas. Ora os inquéritos (ver mapa 17) mostram-nos que 47% das universitárias diz alargar os conhecimentos do seu curso para além da matéria dos exames enquanto (ver mapa 18) 25% é o número indicado pelas equipas. Inclino-me a acreditar mais neste resultado não por propósito delibrado de dizer mal mas pelas razões que passo a expor. Ocorre perguntar quais as fontes de bibliografia complementar a que recorre a universitária. Como dedica pouco tempo ao estudo e o seu zelo se multiplica unicamente na altura de exames parece lógico acreditar que não recorre com muita facilidade a livros de difícil consulta. É natural portanto, que recorra às revistas da especialidade. Ora são precisamente 25% (ver mapa 19) as universitárias que dizem ler habitualmente revistas referentes ao Curso que frequentam. Este número está de acordo com o indicado pelas equipas e leva-me, por isso, a aceitá-lo.

Não basta, porém, que no domínio estrito da técnica do seu Curso a universitária seja muito competente; importa que confira à profissão o lugar que lhe compete no quadro dos valores humanos.

Se analisarmos as ideias das raparigas universitárias acerca da profissão verificamos que apenas 11% (ver mapa 20) considera a profissão como apelo de Deus. Isto revela o desconhecimento dos princípios já expostos sobre a missão da mulher e confirma mais uma vez a indiferença com que é encarada a profissão no plano sobrenatural. 35% considera a profissão como a satisfação duma exigência do próprio ser; não sei até que ponto esta posição traduz uma visão egoísta da profissão, caracterizando aquelas que consideram todas as realidades culturais e sociais em função de si próprios.

A profissão reveste, ainda, o carácter de serviço e, como já disse, a profissão só tem sentido para a mulher quando é uma forma de exercer a sua missão essencial de maternidade espiritual.

Todavia, apenas 17% das universitárias considera a profissão como um serviço da sociedade. No entanto, (ver mapa 21) cerca de 37% das raparigas considera absolutamente necessária para a formação de bons profissionais a introdução no curso do estudo da missão e responsabilidade social dos diplomados. Isto quer dizer que embora não encarem habitualmente a profissão como serviço da sociedade as raparigas têm a intuição da autenticidade e da necessidade dessa ideia. Cabe à Universidade fortalecer a consciência desse serviço da sociedade, mediante a integração da técnica e da ciência num verdadeiro humanismo cristão e, concretamente, introduzindo em todas as cadeiras onde for oportuno



fazê-lo esse sentido social, promovendo o contacto da Escola com a vida profissional, desenvolvendo na rapariga, através da formação integral, qualidades de chefia e serviços, dando-lhe a visão justa do mundo social dos nossos dias, localizando aí com toda a verdade e exigência, a missão específica de cada profissão.

A Universidade é ainda o centro irradiado da cultura. E embora a cultura que na Universidade se divulga ande bastante longe de conter os verdadeiros princípios unificadores do espírito, não deixa de despertar nas estudantes certos anseios cujos indícios são bastante curiosos. A rapariga universitária parece procurar na cultura a sabedoria e a vida autêntica que a Universidade, tecnicista e deshumanizada, não lhe dá.

A grande maioria (ver mapa 22) faz leituras de cultura geral com frequência mas se formos analisar quais são essas leituras dificilmente compreendemos o critério usado para classificar tais actividades como aquisições culturais.

Os géneros literários preferidos são biografias, poesia e romances (ver mapa 23). É claro que qualquer destes géneros pode ser elementos esplêndido de formação cultural mas pode dizer-se que mais de 50% de tal literatura é duma pobreza e duma banalidade confrangedoras. Ora, forçoso é confessá-lo, os livros lidos durante as férias e os livros que num dia qualquer, escolhido ao acaso, andavam a ser lidos pelas raparigas universitárias, pertencem com esmagadora maioria, à categoria de literatura mediocre. É lamentável que isto aconteça pois a escolha criteriosa desses tipos de leituras podia alargar consideravelmente o seu campo de visão, e seu conhecimento de casos humanos e levá-las a atingir um forte e puro lirismo.

Os trabalhos de tese são dos menos preferidos e isso revela da parte da rapariga não só a ausência do verdadeiro sentido da cultura, como pouco desejo de possuí-la ou ainda uma certa repugnância por aquelas leituras que exigem um esforço intelectual maior. Não me parece justificável que a rapariga universitária faça a sua cultura quase exclusivamente com base em fontes de carácter mais ou menos ligeiro. A curiosidade intelectual, o gosto do saber, o desejo de se realizar intelectualmente em plenitude, deviam levá-la a procurar completar, numa equilibrada distribuição de tempo, o quadro integrador da sua vida cultural.

Normalmente justifica-se a superficialidade em leituras com a falta



de tempo para realizar trabalho sério e ouvem-se por isso queixas amargas contra a excessiva sobrecarga do regime de estudos. Ora os inquéritos dizem-nos ainda que num dia qualquer, escolhido ao acaso, cerca de 20% lê entre 0-1/2 hora enquanto 36% lê entre 1-2 horas (ver mapa 24). Quer isto dizer que não lêem praticamente nada ou lêem diçariamente durante um certo tempo razoável? Logo parece haver mais tempo do que em geral se diz; mas também parece claro que esse tempo não costuma ser bem aproveitado. Por exemplo, cerca de 45% das raparigas ocupa algum tempo do seu dia em chás, compras, etc. Ora tais actividades, embora fazendo parte da vida, precisam de ser doseadas no esquema de uma vida intelectual. Tal tipo de vida exige imensa simplicidade estrutural, busca dos elementos essenciais e indiferença perante o acidental ou superficial. E a rapariga universitária não parece estar educada para isso; pior, nem sequer se dá conta de que aí está uma existência da sua vocação. Para a satisfazer precisa de realizar um esforço gigantesco. Mas terá valido a pena. Porque, sem simplicidade na escolha de interesses e ocupações e na formação integral do espírito, a vida universitária é, se não artificial, pelo menos sujeita a desequilíbrios frequentes que inevitavelmente conduzem à quebra da unidade da personalidade e impossibilitam assim o espírito de atingir a síntese superior de Saler, primeiro objectivo da vocação universitária. Quando a vida da rapariga universitária se enquadrar em moldes simples, escéticos mesmp, então ela poderá suprir em larga medida as deficiências da vida universitária e terá vivido os anos da Universidade com a certeza de que não gastou tempo em vão. E se esta ideia de simplicidade de vida parece ser a única que assegura ao espírito condições favoráveis à assimilação da cultura, ela é, por sua vez, a tradução de cultura autêntica que anima e transforma todos os sectores da vida. E isto porque a cultura se é a universalidade dos conhecimentos é também a hierarquização deles segundo a escala de valores que tem por padrão o Absoluto. Hierarquizá-los é, antes do mais, numa atitude puramente negativa mas necessária, cortar todas as ocupações burguesas e as distrações incolores, fechar deliberadamente os olhos e os ouvidos a todas as imagens e sons que não sejam um grito para a Verdade e a Beleza - aspectos da Única Realidade. Depois é ainda fazer um esforço sério para procurar unicamente aquelas fontes de interessas que podem trazer algum enriquecimento positivo, é situar-se num plano de vida incompatível com quadriculados e complicações, é atingir a unidade e a simplicidade na variedade e complexidade.

A rapariga universitária não mostra, possuir, porém uma escala de valores suficientemente aferida. Se verificarmos, por exemplo, quais as secções



dos jornais diários que merecem maior atenção das raparigas deparamos com as "páginas femininas" e "curiosidades". (Ver mapa 25). Ora é sobejamente conhecida a pobreza quer dumas quer doutras. Em quasi todos os jornais as ditas páginas são umas tristes linhas (e só por serem tristes não são rídículas) acerca de receitas de cozinha ou de beleza. E é lamentável isso corresponder ao gosto das leitoras. A maior parte das mulheres cultiva um certo tipo de feminilidade que actua de fora para dentro; pensa-se que a feminilidade está no aspecto exterior, na obediência à moda, na preocupação por mil bagatelas que se convencionou apelar de femininas. É verdade que tal atitude revela da parte da universitária uma necessidade de cuidar da formação feminina da sua personalidade mas quer por defeito de educação quer por falta de visão pessoal certa, essa necessidade é orientada num sentido, se não errado, pelo menos, incompleto. Parece-me bem que à luz dos princípios teóricos já expostos se vê que a feminilidade autêntica se realiza num plano muito superior àquele em que se lêem por hábito e com gosto as "páginas femininas" ...

Estranha é também a preferência dada à música ligeira e de baile nos programas de rádio quando a comparamos com a preferência pela música, (em 2º lugar) indicada nos ramos de cultura geral (ver mapa 26); só podemos lamentar a pobreza de conceito de música como expressão de cultura.

Cumpram ainda registar outro índice: o das revistas mais lidas. Por ordem decrescente as raparigas universitárias preferem "A Flama", "Ao Largo", "Seleções", "O Século Ilustrado". Revistas de nível cultural universitário como "Estudos", "Brotéria" (ver mapa 27) - para só falar das portuguesas - não figuram sequer aí.

Todos os dados apontados mostram-nos que existindo embora na rapariga universitária um certo anseio cultural, ela não está hoje nada preparada para levar para a família e para a vida social a expressão feminina da cultura.

E chegamos assim a esta conclusão: a rapariga universitária não parece ter uma vida intelectual muito vincada nem esclarecida. A sua apatia em face do estudo, apenas quebrada esporadicamente em épocas de exames, a superficialidade ou a indiferença com que encara a profissão, a discutível escala de valores com que afere as aquisições culturais, são a tradução deste facto: a Universidade não forma a personalidade humana.

E a rapariga não está ideologicamente preparada para suprir no plano pessoal as deficiências da instituição. Há, na base de todos os factos apon-



dados, certa desorientação de ideias que se alicerça numa posição de liberalismo intelectual mais ou menos consciente, mais ou menos estruturado. E, se não, vejamos: Verificamos que 82% das raparigas universitárias se diz católica e dessas 69% se esforça, segundo a opinião das equipas, por cumprir os mandamentos. Ora por outro lado deparamos com uma desoladora pobreza de vida espiritual mesmo entre as católicas. Apenas 15,2% tem o hábito da oração mental diária (ver mapa 30). Isto significa que o catolicismo de tais católicas é apenas tradição ou **convenção** ...

E embora o problema da existência de Deus tenha sido o mais estudado (ver mapa 31) apenas 35% das universitárias diz ter encarado seriamente o problema. É manifestamente pouco não só em relação à percentagem das que se dizem católicas mas até, em valor humano, como o problema base de toda a aquisição cultural num plano superior.

Se atentarmos nas principais questões sobre a Fé debatidas pelas universitárias, verificamos **que** as dúvidas fundamentais incidem sobre as atitudes do clero e dos católicos. Daqui duas conclusões se podem tirar:

A 1ª é esta: as raparigas universitárias (tal como os rapazes, aliás, porque os resultados são absolutamente idênticos) não põem o problema religioso no que é essencial; detêm-se em aspectos secundaríssimos da questão o que prova já uma grande dose de desequilíbrio na sua vida intelectual. Na verdade pretender resolver a questão fundamental da existência humana, o padrão dos nossos actos, a partir das misérias humanas é bastante lamentável e revela, pelo menos, ausência completa de espírito científico. As raparigas, presas pelo comodismo, pela educação acanhada e pragmática que, em geral, receberam, com receio talvez das consequências a que uma posição religiosa as levaria, não põem o problema com toda a seriedade que ele exige. É mais um assunto sobre que se tem uma opinião admitindo-se perfeitamente que A ou B tenha uma opinião totalmente diferente ou que não tenha nenhuma. A formação não é teocêntrica e a pouco e pouco a universitária prescinde da própria ideia de Deus.

A 2ª conclusão que se pode tirar de tal resultado é estoutra: se as principais objeções contra a Fé incidem sobre a atitude dos católicos isso significa que as 82% de católicas na Universidade não são uma força mas resíduos de uma tradição sem alma e, mais, que as 69% de católicas que se esforçam por cumprir os mandamentos são um autêntico mito. Na verdade se 69% das raparigas universitárias pusesse acima de tudo o amor de Deus, se tivesse por isso um sentido ascético de perfeição e se, a essa luz, constituísse toda a vida, por certo que as atitudes incoerentes das outras católicas pouco afec-



tariam as não-católicas da Universidade.

Em resumo: não há na actual geração feminina da Universidade uma estruturação racional e uma resposta lógica aos problemas essenciais da existência humana. Professa a grande maioria certo catolicismo tradicional, formalista, rotineiro e incolor.

E, por ora, a influência da J.U.C.F. a quem foi confiada a recristianização da Universidade parece ser bastante reduzida. Não actua ainda quanto é preciso como saneadora e esclarecedora do meio. As raparigas convertidas após a entrada na Universidade são muito poucas (ver mapa 33). A J.U.C.F. ainda não ultrapassou o círculo limitado das "meninas boazinhas". E tanto assim é que, segundo declaração das próprias jucistas, a J.U.C.F. tem, na melhor das hipóteses, influência razoável no meio mas, regra geral, a sua influência é pequena. (Ver mapa 34). E as católicas não parecem estar muito bem documentadas acerca das verdades da Fé que confessam mas não vivem totalmente. Por isso a preparação revelada nas discussões por católicas e não católicas é sensivelmente a mesma (Ver mapa 35).

Fundação Cuidar o Futuro

Embora certas características da vida universitária não sejam causa de toda esta visão pobre dos problemas são, de certo modo, condicionantes deles. E assim ao encarmos, como fizemos, os problemas essenciais da instituição universitária não nos podemos esquecer dos condicionalismos que o nível económico-social, a organização material do ensino, o tipo de vida institucional, põem à realização de uma autêntica vocação universitária. Com efeito, a vida humana não se realiza em compartimentos estanques; marca-a uma unidade indestrutível. Por isso cada actividade a que o homem se dedica é uma função extremamente complexa de muitas variáveis nem sempre fáceis de determinar e de controlar. E se tal proposição é verdadeira para o ser humano em geral, é-o ainda mais para a mulher onde as diferentes funções psicológicas e fisiológicas se encontram de tal modo relacionadas e interdependentes que p desequilíbrio numa delas arrasta o desequilíbrio total. Revestem por isso especial importância para o equilíbrio da personalidade da rapariga universitária esses aspectos aparentemente secundários da vida intelectual?

Assim o regime de horários das nossas Escolas é francamente mau. Se não sobrecarrega demasiado as raparigas com aulas das 8h às 18h faz-lhe perder imenso tempo com os chamados "furos" entre as aulas. A rapariga é obrigada a passar fora de casa 8 horas por dia; fica-lhe pouco tempo para



estudar e pouquíssimo tempo para a indispensável aquisição de contactos humanos e de inserção no real. Parece-me que a rapariga universitária só teria a lucrar com um desenvolvimento cada vez maior do sentido social e isso podia fazê-lo através de organizações indênticas ao CASU, inclusivamente trabalhando mesmo em Verdadeiro serviço social no meio profissional a que há-de pertencer: parece-me muito fáceis os casos de Medicina e de Direito. Seria um esplêndido complemento da formação profissional mesmo que a profissão não venha a ser por ela exercida e era com certeza um serviço real prestado aos outros. Cinco ou seis anos passados na Universidade lidando com valores abstractos e essencialmente teóricos desenraízam o universitário do meio social em que vivia e é necessário enquadrá-lo nos problemas agudos de um outro meio antes que ele acabe por se bastar egoísticamente a si próprio.

Atendendo ainda a que a maior parte das raparigas será chamada à vida matrimonial e que não se é educadora por instinto creio que as raparigas universitárias deviam procurar interessar-se por obras infantis tais como os organismos pré-juvenis da A.C., os asilos, os reformatórios, onde ao mesmo tempo que educavam se educavam a si próprias.

É claro que quer uma actividade quer outra poderiam ser complementos práticos de duas cadeiras teóricas facultativas: a Sociologia e a Pedagogia. Ora a organização do ensino superior quer nos programas quer nos horários não é de molde a favorecer qualquer destas iniciativas. E assim a preocupação dos outros, o espírito de serviço, pedra de toque duma autêntica vocação intelectual escoá-se e dilue-se na vida universitária em que nem sequer existe um clima comunitária que eduque a rapariga numa Caridade actuante. Esta ausência de clima comunitário é função de muitos factores. Entre eles sobressai a atitude dos professores, o interesse dos estudantes, a sua simplicidade de convívio social, as condições materiais que facilitam esse convívio. Parece-me que a rapariga tem um papel muito importante a desempenhar na criação desse ambiente comunitário pelas suas qualidades de paz, de alegria e de compreensão dos outros. Acontece porém que se procurarmos nos inquéritos como classifica o meio universitário qualquer tentativa de esclarecimento sobre os estudos junto dos Professores verificamos este facto surpreendente: nas Escolas onde há um predomínio nítido de raparigas (como Letras, por exemplo, considera-se tal atitude como "manteiga"; nas Escolas onde há uma grande maioria de rapazes considera-se tal atitude própria de estudante sério; nas escolas onde o número se equilibra o meio considera quer uma coisa quer outra. Isto significa que, no capítulo das relações humanas, a rapariga na Universidade está afinal agindo absolutamente ao invés do que lhe é exigido pela sua Missão no mundo.



E, no entanto, todas as raparigas se lamentam amargamente da ausência de vida comunitária, da falta de camaradagem com os rapazes, etc.. Ora parece-me que esta camaradagem com os rapazes é tanto mais utópica quanto ela começa por não existir entre raparigas. Entre rapazes e raparigas verifica-se que existe uma certa camaradagem que se manifesta com mais frequência no estudo (93%) e em bailes (47%). (Ver mapa 36). Este último dado fala por si da mediocridade da camaradagem entre muitos rapazes e raparigas da Universidade. Muitas das raparigas universitárias, vindas de colégios ou liceus onde lhes foi ministrada uma educação desactualizada, incoerente, ao entrarem na Universidade ficam completamente deslumbradas pela independência que gozam e pela novidade das relações com rapazes. A agravar o problema considere-se ainda o facto de 45% das estudantes estarem vivendo fora da família (ver mapa 34); falta de tão importante factor de formação numa altura de vida em que se está longe ainda da maternidade espiritual prejudica consideravelmente a vida psicológica feminina. Dessas 45%, 12% vivem com conhecidos ou parentes e 33% em lares ou pensões. Quer num quer noutro caso faltam as condições para um sério e calmo trabalho intelectual. (Ver mapa 35). Isso é muito grave pela interdependência das diferentes funções psicológicas da mulher. E muitas vezes atitudes que são encaradas como estupidéz, superficialidade, insignificância mental podem não ser mais que atrofia momentânea do pensamento em face de qualquer ferida na sensibilidade ou de condições materiais insuportáveis.

O problema dos lares para universitárias precisa de ser cuidadosamente estudado a fim de permitir a par de uma vida comunitária que substitua sem prejuizo a espírito familiar o mínimo de independência, garantia de calma para o estudo.

É claro que o facto de só me referir às raparigas que vivem em lares não exclue de modo algum o problema das que vivem em suas casas e que precisam de equilibrar a necessidade do isolamento mais completo com uma integração total e espontânea na vida e problemas familiares. Suponho porém que para aí não se podem ditar soluções em globo mas cada uma tem de procurar com toda a seriedade p plano de Deus a seu respeito e tentar realizá-lo num esquema de simplicidade e de liberdade. Quer dizer, portanto, que a rapariga univeristária terá de renunciar muitas coisas para livrement determinar o rumo da sua vida autêntica - aquela que é a tradução do pensamento de Deus.



3. Conclusões

É indiscutível que a mulher tem uma missão transcendente e de largas projecção social a desempenhar no Mundo Moderno. Quer na vida familiar, depositária, transmissora e cooperadora na criação da cultura, garantindo à sociedade o ponto de apoio de maior estabilidade, quer directamente na vida social nesta ou naquela profissão a mulher é plenamente "a segunda dimensão do ser humano".

Para que a mulher possa realizar plenamente a missão que lhe cabe é necessário um longo processo educativo em que intervêm a própria mulher, a família, a Universidade, a Igreja.

Partindo do princípio de que entre o homem e a mulher existe uma diferenciação nítida não de essência mas de acidentes fisiológicos e psicológicos em ordem à missão fundamental de cada um, e considerando ainda que todo o ser humano tem direito a realizar-se segundo as suas aptidões podemos concluir que:

- a mulher tem na Universidade um papel a desempenhar e valorização a adquirir, preparando-se para a missão de maternidade espiritual que é o traço inalienável da sua personalidade.

Para que tal possa realizar-se é necessário:

- a) que haja no ensino secundário uma formação intensa das estudantes em ordem ao problema vocacional e para tal urge que se pense seriamente na preparação das professoras de ensino secundário e que se faça mais do que preparação para a Universidade selecção e orientação das estudantes no fim do 5º ano do Liceu
- b) que a Universidade forme integralmente a personalidade humana através duma preparação filosófica, teológica e social profunda para o que se torna absolutamente necessária:
 - atender à organização do ensino quer nos programas quer nos horários
 - atender ao problema das residências universitárias para as raparigas que não vivem em família

- não fechar inadvertidamente a vida pública à mulher mas sim abrir alguns ramos de certas profissões onde a mulher possa render mais individual e comunitariamente

- c) que a J.U.C.F. tente completar a formação dada pela Universidade situando a cultura e a profissão num plano teocêntrico, origem da única escala de valores que pode assegurar a realização total da mulher, mesmo no plano simplesmente humano.
- d) que, em face de tudo o que ficou dito sobre a influência da Universidade na personalidade feminina, se tente criar a Universidade Católica em Portugal, a única que permite à mulher a realização completa de acordo com a alta missão que Deus lhe confiou.

Fundação Cuidar o Futuro

